

TRANSFERÊNCIAS CULTURAIS EM TORNO DE *CANAÃ*, DE GRAÇA ARANHA

Antonia Pereira de Souza¹

Resumo

Neste artigo pretende-se analisar alguns aspectos das transferências culturais em torno de *Canaã*, bem como na ficção desse romance. O estudo versará sobre a história da obra, envolvendo as edições, a crítica, as traduções e a circulação no Brasil e no exterior. Na ficção, será analisada, sobretudo, a presença de alemães e nordestinos no Espírito Santo, trazendo consigo seus costumes, lendas, músicas e a forte presença do idioma alemão, quase substituindo a língua portuguesa na região de Porto do Cachoeiro. O aporte teórico são as ideias de Michel Espagne (2012), Helenice Rodrigues (2010) e Béatrice Joyeux (2002).

Palavras-chave: Letras; Tradução

1 Introdução

Neste artigo pretende-se analisar alguns aspectos das transferências culturais em torno de *Canaã*, de Graça Aranha, bem como na ficção desse romance. O estudo versará sobre a história do romance, envolvendo as edições, a crítica e a circulação no Brasil e no exterior. O referencial teórico são as ideias de Michel Espagne (2012), Helenice Rodrigues (2010) e Béatrice Joyeux (2002).

A orientação metodológica transferências culturais, conforme Espagne (2012), evidencia mistura de espaços culturais, assim como na obra em estudo: “[...] as imbricações e as mestiçagens entre os espaços nacionais ou, de modo mais geral, entre os espaços culturais, numa tentativa de compreender por quais mecanismos as formas identitárias podem alimentar-se de importações” (p. 21).

De acordo com Béatrice Joyeux (2002), a transferência cultural envolve deslocamento de objetos, de pessoas e de saberes entre dois espaços: “A noção de transferência cultural implica um movimento de objetos, pessoas, populações, palavras, ideias e concepções [...] entre dois espaços culturais (Estados, nações, grupos étnicos, espaços linguísticos, áreas culturais e religiosas)” (p. 153)². Esses deslocamentos são

¹ Universidade Federal da Paraíba

² — La notion de transfert culturel implique un mouvement d’objets, personnes, populations, mots, idées, concepts.. entre deux espaces culturels (États, nations, groupes ethniques, espaces linguistiques, aires culturelles et religieuses (2002, p. 153). Tradução nossa.

pertinentes em *Canaã*, uma vez que as personagens são formadas por migrantes nordestinos e sobretudo imigrantes alemães.

2 A história do romance *Canaã*

A origem do nome do romance *Canaã* pode ser, conforme menciona Maria Helena Castro Azevedo (2002), as questões referentes à imigração alemã, observadas por Graça Aranha, quando era juiz municipal, de agosto a novembro de 1890, no município de Porto do Cachoeiro, hoje Santa Leopoldina, no Espírito Santo, acrescidas de aspectos ficcionais. A pesquisadora comenta que, numa conversa entre o presidente do estado Costa Pereira e o juiz, o governante teria dito que “O Espírito Santo não deveria ser desejado utopicamente, como uma Canaã, ao que Graça Aranha respondeu que Canaã era, sim, o Espírito Santo, como ele ia mostrar” (p. 48).

A principal inspiração para o enredo também veio dessa época, uma vez que, segundo Renato Pacheco (2002), a história de Maria Perutz foi baseada na história real de Guilhermina Lübke, uma jovem que foi acusada de infanticídio, mas foi absolvida e desapareceu daquele contexto, deixando uma forte imagem gravada na memória do juiz Graça Aranha, que “a imaginação fértil [do escritor] iria transformar na imortal Maria Perutz” (p. 17).

Nesse período, segundo o historiador Luciano Ventorim, o Espírito Santo possuía muitos imigrantes alemães, exercendo grande influência na cultura local: “O Espírito Santo recebeu imigrantes de diversas partes da Europa, principalmente da Alemanha e da Itália que, junto com os portugueses, africanos e indígenas aqui residentes deram os traços principais da cultura capixaba” (s/d, p.3).

Segundo Pierre Rivas (1995), o aspecto germânico para o romance, veio da influência da Faculdade de Direito do Recife, onde o autor se formou, e de Tobias Barreto: “[...] Escola de Recife, de influência essencialmente alemã, e quão grande foi para ele a personalidade de Tobias Barreto” (p. 146).

O romance é uma ampliação de dois contos: “Névoas do passado” e “Imolação”, que o autor publicou na *Revista Brasileira*, em 1897 e 1899 com o pseudônimo de Flávia do Amaral. Diante da excelente recepção dos leitores, Graça Aranha encorajou-se a “[...] construir o romance que já imaginava” (AZEVEDO, 2002, p. 18-19, 47). A pesquisadora ainda menciona que o romance fora escrito em vários lugares entre o

Brasil e a Europa, tendo destaque para São João del Rei, onde a escrita do livro teria se intensificado, e Londres, lugar em que o autor teria concluído a obra.

Canaã foi editado, em Paris, em 1901, pela Editora Garnier. Começou a ser divulgado, em março, na Europa, e publicado, no Brasil, em abril de 1902. O romance é um símbolo de sucesso da literatura brasileira, uma vez que desde seu lançamento, foi editado em todas as décadas, às vezes, até por duas ou mais editoras ao mesmo tempo³, Com destaque para a Ediouro, que lançou, em 2002, a Edição Comemorativa de 100 Anos, com fotos sobre a origem do romance, além de prefácio e apresentação de Renato Pacheco, professor da Universidade Federal do Espírito Santo⁴.

Como se observa, o processo de produção dessa obra envolve várias transferências culturais, ressaltando-se a questão editorial, uma vez que Michel Espagne (2012) afirma que, quando uma editora se localiza em um país e produz obras para outro é um caso “complexo e que faz parte das transferências culturais, em matéria de história do livro” (p. 31).

Constatou-se que o livro foi lançado com o título grafado *Chanaan* e assim permaneceu até a década de 1950, quando a editora F. Briquet & Cia passou a escrevê-lo na forma *Canaã*.

3 Como a crítica brasileira recebeu *Canaã*?

No Brasil, *Canaã* recebeu críticas positivas e negativas. Entre as favoráveis, encontra-se a de José Veríssimo (1904), publicada na revista *Kósmos*, na qual o crítico declarou-o como romance de alto nível literário, semelhante aos europeus, além de considerá-lo a primeira obra simbolista digna de considerações, em vista do aspecto social ali representado, conforme se observa neste trecho: “A primeira manifestação, ao menos a primeira digna de consideração, daquela corrente [Simbolismo] de ideias, aqui, foi o forte e formoso *Canaã*, do Sr. Graça Aranha, um livro extraordinário na nossa literatura” (VERÍSSIMO, 1904, p. 11-12)⁵. O crítico também colaborou para a

³ A editora Garnier, que publicou o livro de 1902, permaneceu editando-o até a década de 1920; F. Briquet & Cia, 1930 e 1960. Em 1956, a obra foi adaptada para revista em quadrinhos pela Editora Ebal. Nos anos 1970, a Nova Aguilar editava-o; em 1980, nova Fronteira e Ediouro. Na década de 1990, Ediouro e Ática. Nos anos 2000, Ediouro e Martin Claret editam a obra.

⁴ As informações sobre as editoras que editaram ou editam *Canaã* foram colhidas em exemplares diversos da obra e nas informações divulgadas no site *Estante Virtual*.

⁵ Optou-se por atualizar a escrita.

valorização do romance, na Europa, distribuindo-o, na França e em Portugal, por ocasião do lançamento da primeira edição brasileira.

Entretanto Sílvio Romero (1980), não compartilhou das ideias de Veríssimo, ao contrário, considerou o romance de Graça Aranha irrelevante, muito inferior à obra *Os sertões*, de Euclides da Cunha. *Canaã* foi descrito pelo crítico como um texto que não interessaria aqui no Brasil, talvez interessasse fora daqui, pois faltava algo para apaixonar a alma do povo, em vista de possuir um “insosso sabor estrangeiro” e faltarlhe “esse não-sei-quê de apaixonado e sentido em que se vaza a alma do povo” (p. 1778). Roberto Schwarz (1981) também viu o livro de forma combativa: “[...] um romance mal sucedido por não solucionar o que propõe” (SCHWARZ, 1981, p. 31). Entretanto, a literatura não precisa solucionar problemas, pode ater-se a iluminar questões e com isso cumprir um de seus papéis sociais.

Na esteira de Veríssimo, encontra-se Rubens de Moraes (1923). O crítico afirma que, no período do lançamento de *Canaã*, o Brasil ainda tinha sua literatura desconhecida do grande público francês, apesar de Machado de Assis já ter sido traduzido naquele país, haja vista que apenas alguns intelectuais tiveram contato com a obra machadiana. A falta de interesse internacional pela literatura brasileira, segundo o crítico, deu-se em função de existir, aqui, apenas uma literatura regionalista. Graça Aranha fora a exceção, por isso sua obra fez sucesso na França: “[...] nossa literatura sempre foi regional, com uma exceção — Graça Aranha. O sucesso de *Canaã* e *Malazarte*, na Europa, prova perfeitamente o que escrevo” (p. 8).

Entretanto, Moraes (1923) ressaltou que a influência de Joaquim Nabuco, “profundo conhecedor da mentalidade europeia” colaborou bastante para o sucesso da obra de Graça Aranha, uma vez que, depois da publicação da edição brasileira, como bom articulador, Joaquim Nabuco “escreveu a Garnier, felicitando-o por ter revelado Graça Aranha” (p. 8). Além disso, o crítico mencionou que em outubro de 1904, Joaquim Nabuco declarou, para Machado de Assis, que Graça Aranha seria o melhor representante das letras brasileiras, já prevendo a repercussão no estrangeiro, pela universalidade observada no livro.

Na verdade, Joaquim Nabuco fez em torno de *Canaã*, pautado na qualidade da obra, obviamente, o que Pierre Bourdieu (2001) denominou de produzir a crença no valor do produto: “[...] o próprio das produções culturais é que é preciso produzir a crença no valor do produto, e que essa produção da crença, um produtor não pode

jamais, por definição, dominar sozinho; é preciso que todos os produtores colaborem nisso, mesmo que combatam” (p. 240).

4 As traduções de *Canaã*

Michel Espagne (2012) considera a tradução mais impactante do que a obra original, uma vez que se trata de outra obra, baseada no contexto que a receberá, ou seja, a obra traduzida absorve aspectos culturais da nova pátria: “A tradução tem, em geral, um impacto muito maior, pois corresponde a uma nova redação do livro, numa disposição ligada ao novo contexto da recepção, a um novo sistema retórico e as novas referências literárias e históricas” (p. 32). O teórico ainda ressalta que as transferências culturais determinam os caminhos das traduções de livros: “[...] quando se diz que um livro [...] ultrapassou a fronteira do contexto nacional de origem, trata-se, antes de tudo, do ponto de vista das transferências culturais, determinar os caminhos usados pela exportação” (p.23). Observem-se os caminhos percorridos pelas traduções de *Canaã*.

Em 1910, *Canaã* foi lançado na França, com tradução de Clément Gazete e prefaciado por Conde Prozor. Segundo Moraes (1923), Prozor era um famoso “[...] tradutor das obras de Ibsen, crítico profundo, uma das personalidades mais em vista no mundo das letras parisienses” (p. 8), além disso, o conde russo também era “diplomata de carreira” e divulgador cultural, sobretudo das obras de Ibsen, em Paris, vindo divulgá-las inclusive, no Brasil, segundo Rivas (1995).

Depois de consagrado na França, o romance foi lançado na Inglaterra, com o prefácio de GI. Ferrero e a seguinte frase de Anatole France, na capa: “O grande romance americano”⁶. O sucesso foi semelhante ao que a obra alcançou na França, segundo Moraes (1923), colocando Graça Aranha entre os escritores de obras universais: “[...] com esse êxito, Graça Aranha passou para as fileiras dos escritores, cujas obras não são lidas por um povo só, mas por toda a intelectualidade universal” (p. 8).

Posteriormente, o romance foi traduzido para o italiano, por Pietro Azzi; para o espanhol, em duas versões diferentes: no Chile, por Braulio Sanches Saez, em 1935, e, no México, por Antonio Alatorre, em 1954; para o inglês, nos Estados Unidos, por

⁶ —”The great american novel”. Tradução nossa.

Mariano Joaquim Lorente e prefácio de Guglielmo Ferrero, em 1920⁷. Em 1987, houve uma tradução inusitada, para o esperanto, por Caetano Coutinho, em Brasília, editada pela Esperanto-Ligo⁸.

A tradução obriga a valorizar o trabalho dos profissionais envolvidos no processo, assim como as transformações de sentidos, indispensáveis para a compreensão da obra no novo país: “[...] o papel de diversas instâncias de mediação (viajantes, tradutores, livreiros, editores, bibliotecários, colecionadores etc.), bem como a incontornável transformação semântica ligada à importação” (MICHEL ESPAGNE, 2012, p. 23). Nas traduções de *Canaã*, observou-se que há um destaque para os tradutores, e para quem escreve os prefácios, sobretudo, o da edição francesa, uma vez que a crítica sempre faz referências a ele, o que poderia se justificar pela fama do diplomata Prozor e seu envolvimento com aspectos culturais, bem como pelo entusiasmo com que ele se referiu ao romance ao longo de onze páginas.

O conde iniciou o prefácio com uma reflexão sobre como a cultura no fim do século XIX influenciou a do início do século XX. Comentou sobre a grande quantidade de literatura estrangeira em países onde reinava a literatura nacional, ressaltando que “[...], sobretudo na França, este movimento foi notável e tem um caráter muito diferente do que teve em outros países” (PROZOR, 1910, p. II)⁹, pois não era apenas uma curiosidade, nem se propunha a instruir. Entretanto, reconhece que o grande número de traduções foi influenciado pelos leitores e pelos livreiros.

Graça Aranha foi descrito como um representante da efervescência cerebral da juventude do período, um homem com sede de aprendizado e de criação. O conde destacou ainda a habilidade comunicativa do autor e sua origem, descrevendo o Brasil como um país maravilhoso e distante, cujos destaques são as florestas e a mistura de raças: “O autor de *Canaã*, o senhor Graça Aranha, é brasileiro. Sua pátria é o país das

⁷ A indicação dessas traduções consta no Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro – CDPB: http://www.cdpb.org.br/dic_bio_bibliografico_aranha.html.

⁸ Há referências a esta tradução no site enciclopédia Itaú cultural: Literatura Brasileira: http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_lit/index.cfm?fuseaction=biografias_texto&cd_verbete=869.

⁹ “En France surtout, ce mouvement fut remarquable et revêtit un caractère bien différent de celui qu’il avait dans d’autres pays” (PROZOR, 1910, p. III). Todas as citações do prefácio da edição francesa de *Canaã*, neste artigo, são da tradução de Anderson Pereira.

florestas virgens, das vegetações sobrepostas, dos cruzamentos de espécies heterogêneas” (PROZOR, 1910, p. 5)¹⁰.

O prefaciador ainda mencionou a coragem e a audácia que Graça Aranha teve, ao apresentar os desmandos das classes administrativas e jurídicas do Brasil, sem medo de sofrer retaliações, num estilo semelhante ao de Gogol e de Ibsen. Prozor terminou o prefácio declarando sua admiração pelo escritor, ao afirmar que ele é “[...] um dos mais brilhantes representantes dessa elite brasileira que está na hora de ser conhecida por suas obras e por seus méritos” (PROZOR, 1910, p. XI)¹¹.

Quanto ao romance, Prozor considerou como uma obra divertida que chama a atenção para alguns problemas humanos e questões que interessavam aos europeus aventureiros ou cansados, bem como a outros países tão desejados quanto o Brasil. Afirma ainda que o livro apresenta uma visão da arte desprovida de romantismo, lirismo e misticismo, através de uma “[...] originalidade charmosa e grande poder de evocação” (PROZOR, 1910, p. VI)¹². Além disso, considera que a obra reflete a natureza brasileira e faz estudos, que ainda poderão ser continuados, sobre a sociedade e a filosofia:

[...] seu romance reúne em um todo paisagens e diálogos irredutíveis, estudos profundos da vida real e considerações abstratas, sonhos indefinidos, especulações ousadas sobre o destino da raça e do futuro da sociedade. Por vezes ele mergulha na natureza com uma embriaguez voluptuosa e panteísta que está dentro dele, ao mesmo tempo há um traço pessoal, um fenômeno de raça e a origem de toda uma filosofia ainda um pouco confusa, mas que emergirá, esperamos, de uma obra completa a qual Canaã terá servido de prelúdio (PROZOR, 1910, p. V, VI)¹³.

Pode-se dizer que todas essas traduções contribuíram para várias construções de *Canaã*, entretanto, todas elas são tão valiosas quanto à primeira edição, uma vez que, consoante, Michel Espagne (2012), uma tradução é uma construção nova, tão legítima e original quanto seu modelo: “[...] uma tradução não tem menos legitimidade ou

¹⁰ “L’auteur de Chanaan, M. Graça Aranha, est Brésilien. Sa patrie est le pays des forêts vierges, des végétations superposées, des entrelacements d’espèces hétérogènes” (PROZOR, 1910, p. V).

¹¹ “[...] un des plus brillants représentants de cette élite brésilienne qu’il est temps de faire connaître par ses oeuvres et par ses mérites” (PROZOR, 1910, p. V).

¹² “[...] une originalité charmante et un grand pouvoir d’évocation[...]” (PROZOR, 1910, p. VI).

¹³ “[...] et son roman réunit en un tout irréductible paysages et dialogues, études profondes de la vie réelle et considérations abstraites, rêves indéfinis, spéculations hardies sur les destinées des races et l’avenir de la société. Tantôt il se plonge dans la nature avec une ivresse voluptueuse et panthéiste qui est chez lui, en même temps qu’un trait personnel, un phénomène de race et la source de toute une philosophie encore un peu confuse, mais qui se dégagera, espérons-le, d’une oeuvre totale à laquelle Chanaan aura servi de prélu [...]” (PROZOR, 1910, p. V, VI).

originalidade que seu modelo. A transposição dos objetos culturais não significa uma perda [...] mas uma construção nova” (p.24). Portanto, junto com o *frisson* das traduções, *Canaã* levava a história do Brasil e da Alemanha, além do estilo literário do brasileiro Graça Aranha, somados à cultura dos países que o recebia.

5 A reação da crítica europeia

Quando uma obra é traduzida, a recepção deve substituir as questões referentes às diferenças entre a obra original e sua tradução: “[...] a descrição do processo de recepção deve substituir os juízos de valor sobre o fosso existente entre original e imitação” (MICHEL ESPAGNE, 2012, p. 23), por isso, atente-se para as reações da crítica internacional para *Canaã*.

Na França, de acordo com Rivas (1995), o livro recebeu apenas críticas positivas: “A recepção da crítica francesa ao que hoje todos os especialistas concordam em considerar como um mau romance, foi, portanto, das mais favoráveis” (p. 147).

Conforme Moraes (1923, p.8), a crítica francesa “[...] geralmente tão cheia de reticências e fria com as obras alienígenas”, encantou-se com *Canaã*, a exemplo de GI. Ferrero, crítico conhecido mundialmente, que escrevia no jornal *Le Figaro*, dedicou duas páginas de sua coluna ao romance de Graça Aranha, declarando-o como uma obra de alto valor filosófico e literário: “*Canaã* não tem só um valor literário, mas uma alta significação filosófica¹⁴”.

Paul Adam, crítico do *Temps*, também dedicou duas colunas do jornal a *Canaã*, considerando o livro como “[...] uma das obras primas da literatura moderna”. O romancista francês Edmond Jaloux, na *Revue de Paris*, publicou um estudo sobre *Canaã* e resumiu a obra com esta frase: “há em *Canaã* uma sinfonia e um poema”.

De acordo com Michel Espagne (2012), devem-se observar as transformações causadas no contexto pela obra, bem como o efeito positivo do contexto de recepção na obra: “[...] observaremos, em particular, a transformação que uma importação cultural produz no contexto de recepção e, inversamente, o efeito positivo desse contexto de recepção sobre o sentido do objeto”. (p. 23). Todo esse efeito positivo do contexto da recepção de *Canaã*, segundo Azevedo (2002), ocorreu por dois fatores: a qualidade da

¹⁴ As informações sobre a crítica europeia ao romance *Canaã* encontram-se na revista Klaxon, nº 8, dedicada a Graça Aranha. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/01005580#page/1/mode/1up>.

obra e a popularidade de seu autor: “O êxito vincula-se não só à qualidade do romance, também às boas relações do autor na França, facilitada por sua condição de diplomata” (p. 173).

6 Transferências culturais na ficção de *Canaã* e a presença do decadentismo

As transferências culturais na ficção de *Canaã* acontecem, em consonância com a teoria de Béatrice Joyeux (2002), sobretudo em referência ao deslocamento de pessoas, palavras (idioma) e de ideias (saberes).

O deslocamento de pessoas ou populações é observado, na obra, em relação à migração e imigração para o Espírito Santo, na região de Porto do Cachoeiro e adjacências. Entre os migrantes, existem os cearenses, como o agrimensor Felicíssimo, e os maranhenses, a exemplo do trabalhador Joca. Os imigrantes são alemães que comandam o comércio e o ramo de hospedagem, na cidade, como Roberto Schultz; além de formarem colônias na zona rural, onde produziam café, como Franz kraus, Milkau e Lentz. Como a população era predominantemente alemã, em todas as profissões da região, com exceção dos cargos públicos, predominavam os alemães:

— Aqui — perguntou Lentz ao agrimensor [felicíssimo] — quase todos são alemães?

— Sim, poucos brasileiros. No comércio, pode-se dizer, não há nenhum.

— Então, em que se ocupam os brasileiros do Cachoeiro? — indagou Milkau.

— Os que temos aqui são os do foro, os juízes, escrivães, meirinhos. Outros são também empregados públicos, coletor, agente de correio... (GRAÇA ARANHA, 2007, p. 28).

Em referência às transferências culturais concernentes às palavras (idiomas), observou-se que, no ambiente de *Canaã*, o idioma falado é predominantemente o alemão e esta é a única língua ensinada pelos alemães, principalmente nas colônias, a ponto de só existir um professor brasileiro, na cidade daquela região, os outros todos são alemães: “[...] a língua que se ensina por essas matas é o alemão, e os professores são alemães, exceto o da cidade... [...]” (GRAÇA ARANHA, 2007, p. 28). A forte presença da língua germânica colabora para que aquele espaço torne-se, uma espécie de “parte da Alemanha dentro do Brasil”, isso porque não havia brasileiros suficientes para imporem a língua portuguesa, então os poucos que ali existiam, deixavam-se seduzir pelo idioma alemão, a ponto de simples trabalhadores contarem suas histórias nesta

língua. O contrário não acontecia, pois não há registro de alemães que se dispusessem a falar o português.

O deslocamento de saberes, no romance, envolve principalmente as danças, as músicas que os alemães e os brasileiros de outras regiões cantavam, em suas diversões, a exemplo da festa em Jequitibá, na qual Milkau e Maria se conheceram; além dos alimentos e as lendas alemãs ou nordestinas contadas pelas personagens. O maranhense Joca e um trabalhador alemão idoso empolgaram-se para narrarem as lendas de seus locais de origem. Joca contou a lenda do “Curupira”, protetor das caças, mas que, em troca de fumo e cachaça, deixa os caçadores matá-las.

Enquanto que o trabalhador idoso narrou a história do “Rochedo da Monja”, cuja personagem central é Soror Marta, uma freira que, fugindo de um conde que a raptara, foi protegida por um rochedo, durante vários anos, até o conde envelhecer: “Atônita, Marta recolheu-se ao seu aposento, de onde no mesmo momento viu sair um anjo, que a substituíra na ausência, e que era a sua imagem” (GRAÇA ARANHA, 2007, p. 60).

De acordo com Oliveira (2007), Graça Aranha influenciou-se pelas vanguardas europeias: “Na Europa, o autor viveu a plena efervescência das correntes de vanguarda, cujos valores revolucionários soube assimilar” (p. 251). Em *Canaã*, há forte presença do decadentismo, uma vanguarda segundo a qual “Religião, costumes, justiça, tudo decaí, ou antes de tudo sofre uma transformação inelutável” (BAJU, 2009, p. 57), pois além da óbvia decadência da língua portuguesa, quase extinta, no vocabulário das personagens, uma vez que preferem se expressar em alemão, o decadentismo encontra-se ainda nas personagens, na justiça e na natureza.

Há personagens que passam de idealistas, otimistas a pessimistas, como Milkau, que acreditava que no Brasil não existia infelicidade, mas, ao percebê-la, sobretudo, através das situações vividas por Maria Perutz, foi acometido por um estado de desânimo a ponto de não querer mais viver: “Milkau viu que tudo era vazio, que tudo era deserto, que os novos homens ainda ali não tinham surgido. Com as suas mãos desesperançadas, tocou a Visão que o arrastara” (GRAÇA ARANHA, 2007, p. 209).

A justiça era decadente, com exceção de Paulo Maciel, o juiz que tinha senso de justiça e pudor. Os juízes Itapecuru e Brederodes, assim como o escrivão Pantoja, eram os homens da lei que em vez de protegerem as personagens, extorquiam-nas. Eram mais evidentes os casos que envolviam os colonos, principalmente, em relação a inventários, porque além de serem obrigados hospedar e sustentar os magistrados, no período em

que os casos seriam resolvidos, ouviam desaforos, eram assediados e recebiam dívidas astronômicas para serem pagas com urgência. O lucro das diligências era dividido entre os magistrados, portanto os colonos serviam para sustentar o luxo da justiça, como se observa nesta fala de Brederodes: “— Para que separa serve o colono senão para isso? Para sustentar e regalar justiça” (GRAÇA ARANHA, 2007, 124).

A natureza também decaí, pois se observa que a floresta harmônica e encantadora que acolhera Milkau, no início da história, não foi a mesma que ele encontrou, próximo ao fim, quando fugiu com Maria, uma vez que existiam árvores mortas e rios que passaram de caudalosos a quase secos: “O rio quase sem água, quebrando-se nas pedras negras, informes, fervilhava o seu cachão monótono” (GRAÇA ARANHA, 2007, p. 180).

7 Considerações finais

As transferências culturais em torno de *Canaã* atravessaram as barreiras nacionais desde sua produção, uma vez que o romance fora escrito entre o solo brasileiro e o europeu. Sua publicação também não foi diferente, pois o romance foi lançado por uma editora brasileira, mas que produzia seus livros na França, envolvendo dessa forma deslocamento de objetos, pois o romance viajou para o Brasil, além de ser distribuído na França e em Portugal por Joaquim Nabuco.

As transferências intensificaram-se, com as traduções, em vista de nesse contexto, juntamente com o livro, circulavam também informações sobre o país de origem, reforçavam-se os rumores em torno de seu autor, bem como a obra acolhia a cultura dos países que a traduziam, uma vez que segundo Michel Espagne (2012), as traduções absorvem aspectos históricos, literários e linguísticos dos países receptores.

Constatou-se que, desde seu lançamento, há cento e onze anos, *Canaã* é sempre editado, às vezes até por editoras diversas, ao mesmo tempo. O sucesso da obra pode ser em vista de seu caráter singular, de ser a primeira a tratar de questões que iriam além do nacionalismo brasileiro, por envolver, junto com alguns problemas do Brasil, questões referentes à outra nacionalidade, como a presença de imigrantes alemães nesse país.

O convívio dessas duas nacionalidades, no romance, trouxe riquezas para os alemães no que concerne à agricultura, ao comércio e à expansão do idioma alemão. Para os brasileiros, entretanto, houve prejuízos econômicos, uma vez que a riqueza

concentrava-se entre os alemães, enquanto que os brasileiros frequentavam as colônias apenas como prestadores de serviços. Além disso, observou-se o prejuízo linguístico, que parece sufocar a cultura brasileira, principalmente, porque o idioma alemão supera a língua portuguesa em *Canaã*.

Referências

ARANHA, Graça. *Canaã*. 11 ed. São Paulo: Martin Claret, 2007.

_____. *Canaã*. 8. ed. Rio de Janeiro: Garnier, s/d.

_____. *Canaã*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00103400#page/7/mode/1up>. Acesso em 20 mai. 2013.

AZEVEDO, Maria Helena Castro. Em busca de *Canaã*. In: _____. *Um senhor modernista: biografia de Graça aranha*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2002.

BAJU, Anatole. Manifesto decadente. In: TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda europeia & Modernismo Brasileiro*. 11. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009, p. 55-58.

BOURDIEU, Pierre. “A leitura uma prática cultural”, Debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier. In: CHARTIER, Roger (org.). *Práticas da leitura*. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001, p. 231-256.

ESPAGNE, Michel. Transferências culturais e história do livro. *Livro — Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição*. Tradução de Valéria Guimarães. São Paulo: Núcleo de Estudos do Livro e da Edição, n. 2, p. 21-34, 2012.

JOYEUX-PRUNEL Béatrice, *Les transferts culturels : Um discours de laméthode, Hypothèses*, 2002/1 p. 149-162. Disponível em: <<http://www.cairn.info/revue-hypotheses-2002-1-page-149.htm>> Acesso em: 20 mai. 2013.

MORAES, Rubens de. Graça Aranha e a crítica europeia. *Klaxon: Mensário de Arte Moderna*. São Paulo, dez. 1922 / jan. 1923, nº 8-9, p. 7-9. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=217417>

OLIVEIRA, Clenir bellezi de. *Literatura sem segredos: Pré-modernismo*. Vol. 8. São Paulo: Escala Educacional, 2007.

PACHECO. Renato. *Canaã*, romance singular. In: _____. *Canaã* (edição comemorativa de 100 anos). 2. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002, p. 9-23.

PROZOR, M. Le Conte. Preface. In: ARANHA, Graça. *Canaã*. Traduit du portugais par Clément Gazet. Paris: Plon, 1910, p. I-XI. Disponível em: <http://www.cdpb.org.br/dicbiobibliograficoaranha.html>. Acesso em: 20 mai. 2013.

RIVAS, Pierre. Dois destinos em contraste: graça Aranha e Machado de Assis. In: _____. *Encontro entre literaturas França — Brasil — Portugal*. Tradução de Durval Ártico e Maria Letícia Guedes Alcoforado (org.). São Paulo: Hucitec, 1995, p. 145-152.

ROMERO, Sílvio. Euclides da Cunha. In: _____. *História da literatura*. 7. ed., vol. 5. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980, p. 1777-1797.

SCHWARZ, Roberto. A estrutura de *Canaã*. In: _____. *A sereia e o desconfiado*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1881, p. 31-35

VERÍSSIMO, José. Vida literária o ano passado. *Kósmos*: Revista artística científica e litterária. Rio de Janeiro, ano1, n. 1, p. 11-12, jan. 1904. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/146420/per146420_1904_00001.pdf. Acesso em: 26 abr. 2013.

VENTORIM, Luciano. *Colonização*. <http://www.es.gov.br/EspiritoSanto/paginas/colonizacao.aspx>. Acesso em: 23 mai. 2013